

## O ILUMINISMO

### META

Apresentar aspectos centrais do iluminismo, ressaltando sua localização, líderes e características.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os principais traços do movimento que ficou conhecido como Iluminismo;

apreender a importância que os intelectuais adquiriram na política europeia durante a Idade Moderna;

reconhecer o Iluminismo como um fenômeno localizado, mas capaz de se refletir na Europa e América do Norte.

### PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula sobre absolutismo.



Frontispício da *Enciclopédia* (1772), desenhado por Charles-Nicolas Cochin e gravado por Bonaventure-Louis Prévost. Esta obra está carregada de simbolismo: a figura do centro representa a verdade – rodeada por luz intensa (o símbolo central do iluminismo). Duas outras figuras à direita, a razão e a filosofia, estão a retirar o manto sobre a verdade.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)

### INTRODUÇÃO

#### Robert Darnton

Historiador norte-americano nascido em 1939. Formado em Harvard, é especialista no século XVIII e no Iluminismo. Possui diversos livros publicados no Brasil, entre eles O Grande Massacre de Gatos.



René Descartes



John Locke



Isaac Newton

O Absolutismo e suas práticas geraram questionamentos cada vez mais gradativos. O Iluminismo foi um movimento que colocou contra a parede os soberanos absolutistas, mas também as nobrezas europeias. Com ele ascendeu um grupo aparentemente diminuto de letrados que, pela força das suas ideias fizeram-se grandes. Suas propostas para renovar a sociedade tiveram eco mundo afora. Varreram nações inteiras. De leste o oeste, os ideais iluministas pareceram não apenas trafegar, mas foram apropriados, tomados de assalto por burgueses de várias partes do mundo. Nesta última aula falaremos um pouco deste movimento.

Porém, talvez seja melhor esclarecer em que termos o Iluminismo se deu. Isto porque, como nos alerta **Robert Darnton**, um conhecido estudioso do assunto, os fundadores do Iluminismo certamente não o reconheceriam na boca de um crítico contemporâneo. Aliás, para Darnton, o Iluminismo foi um fenômeno circunscrito no espaço (Paris) e no tempo (primeira parte do século XVIII).

Esse movimento teve suas raízes no século XVII. **René Descartes** (1596-1650) apresentou a mais sistemática e influente interpretação mecanicista da natureza (Cf. HARMAN, 1995, p. 41). Para ele, a realidade era composta por duas substâncias básicas. Uma delas era o espírito caracterizado pelo pensamento e a outra a matéria, caracterizada pela extensão espacial.

A separação rígida da matéria e do espírito e a ênfase no movimento como base da explicação científica ofereciam um novo quadro conceitual para a teorização científica. Descartes promoveu a importância nas leis da mecânica, do estudo dos corpos em movimento e da sujeição das ideias a um programa de dúvida sistemática. O livro deste francês, intitulado *Discurso do Método* (1637), é um canto empolgado às virtudes da razão na obtenção da verdade, é uma apologia ao racionalismo.

Outro nome a ser lembrado como precursor do movimento é **John Locke** [imagem] (1632-1704). Considerado o pai do liberalismo político, Locke rejeitou o absolutismo – foi um dos pensadores que influenciou na Revolução Gloriosa (ver aula 9) – e idealizava uma espécie de “contrato” entre a sociedade e o governo, algo mediado por uma constituição. Intelectual inglês, Locke defendeu a ideia de que todos têm direito à propriedade, à vida, à liberdade e a resistir contra tiranos. Ou seja, a propriedade e a vida só têm pleno sentido se há liberdade.

Outro inglês, este um físico chamado **Isaac Newton** (1642-1727) também foi figura importante nos momentos que antecederam à ascensão do Iluminismo. Newton ajudou a mudar toda uma visão de mundo. Ele desenvolveu ideias de Nicolau Copérnico (1473-1543), Johannes Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1642) e do próprio Descartes. Com Newton, a chamada “revolução científica”, iniciada com a publicação de *Sobre a revolução das esferas celestes*, de Copérnico, em 1543, atingiu o seu auge.

Mas é indubitavelmente no século XVIII que encontramos os primeiros *philosophes* (homens das letras). Sim, pois este foi um movimento principalmente de intelectuais, de *philosophes*. Mas não nos enganemos, poucos *philosophes* foram filósofos originais. Longe de seus inspiradores da Antiguidade Clássica, os *philosophes* empreenderam variações sobre temas estabelecidos por seus predecessores.

O que distingue os *philosophes* é o compromisso, o engajamento com uma causa. O filósofo era um novo tipo social, alguém que hoje conhecemos como o intelectual. Não são os primeiros, é verdade. Lembremos que os humanistas do século XVI e suas preocupações em renovar os estudos, em atualizar o conhecimento.

Mas os *philosophes* são diferentes. São homens das letras agindo em conjunto e com autonomia considerável. Formavam uma elite – pretendiam iluminar de cima para baixo. É esta a pretensão de obras como a *Encyclopédia* (1751), obra coletiva, reunindo quase 130 colaboradores.

Provavelmente, o mais representativo dos *philosophes* foi Voltaire (na verdade, um inquieto cidadão parisiense chamado François-Marie Arouet, 1694-1778). Ele foi preso por seus escritos satíricos e exilado na Inglaterra. Voltaire defendeu arduamente as liberdades individuais e se voltou contra o absolutismo e a Igreja. Porém, mostrava-se favorável a um monarca que respeitasse os direitos naturais.

Através de uma rede que incluía intensa correspondência, publicações coletivas, críticas, encontros em saraus e cafés, os *philosophes* formavam um forte sentido de nós contra eles – luz/trevas.

Mas vejamos suas estratégias. Eles avançam na conquista de salões e academias, jornais e teatros, lojas maçônicas e cafés. Ganham as atenções dos ricos e poderosos. Atraem as atenções dos reis e rainhas. Em torno de suas ideias, soberanos absolutistas tentam mostrar que o seu tempo não passou. São os déspotas esclarecidos: Frederico II (1712-1786), da Prússia; Catarina II (1762-1796), da Rússia; D. José II (1780-1790), da Áustria se cercam de *philosophes*. Outros fazem o mesmo, como o Marquês de Pombal (1750-1777), ministro de D. José I, de Portugal. Voltaire, o grande inspirador dos déspotas esclarecidos, chegou a viver na corte de Frederico II.



*Encyclopédia.*

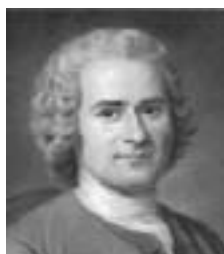
(Fonte: <http://knol.google.com>).



**Charles de Montesquieu**

Outro iluminista de influentes escritos foi o Barão de Montesquieu (**Charles de Montesquieu**, 1789-1775). Através de uma obra fundamental chamada *O Espírito das Leis*, o nobre francês propunha a separação dos poderes em Executivo, Judiciário e Legislativo. A teoria desenvolvida por Montesquieu estabelecia que o equilíbrio dos poderes seria vital. Um avanço demasiado do Executivo poderia gerar um Impeachment encabeçado pelo Legislativo e julgado pelo Judiciário. Deste modo, a busca deveria ser pela harmonia entre as três instâncias.

Um último e diferenciado personagem foi o naturalista francês **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778) que diferenciava-se de outros iluministas. Como os demais philosophes ele criticava o Absolutismo, mas algumas das suas ideias, como a crítica à propriedade privada (inevitável, mas para ele carente de limitações), acabaram desagradando a setores da burguesia. Em sua obra mais conhecida, *O Contrato Social*, o pensador defendeu a liberdade dos homens, a igualdade natural entre eles, a livre iniciativa de estabelecer leis e organizar a sociedade.



**Jean-Jacques Rousseau**

O projeto iluminista de Rousseau mostrou-se distante de um culto exacerbado ao racionalismo, pois para ele isto poderia conduzir a um eclipse dos sentimentos, fundamentais para a produção do conhecimento e da felicidade humanas. Criticou também o elitismo dos governos, defendeu um modelo republicano e afirmou o povo como fonte de poder sendo, por fatores como estes, bem aceito por setores médios (artesãos e camponeses) e camadas populares.

O movimento teve um epicentro. Foi em Paris que o iluminismo “tomou corpo e se definiu como uma causa” (DARNTON, 2005, p.20). De lá, as ideias se difundiram para muitos outros pontos. O Iluminismo surge de uma grande crise durante os últimos anos do reinado de Luís XIV. Com o Estado entrando em colapso, os letrados ligados à Corte passaram a questionar o absolutismo dos Bourbon e a ortodoxia religiosa por eles imposta. Mas poderíamos questionar: o que há de novo com o Iluminismo? Não é a ideia e sim o espírito, o sentido de participação em uma cruzada.

Como movimento o iluminismo apresentou algumas características gerais. Vejamos algumas delas:

1. A primazia da razão como guia para se obter o conhecimento;
2. A valorização da investigação e da experiência como forma de conhecimento da natureza, da sociedade, da política e mesmo da economia;
3. A concepção do universo como uma máquina regida por leis físicas racionalmente explicáveis e possíveis de análises, não estando, portanto, subordinadas à intervenção divina;
4. A defesa das liberdades política e econômica e da igualdade de todos perante a lei;

5. A crítica ao Absolutismo, ao Mercantilismo e aos privilégios da nobreza e do clero;
6. A crença nos direitos naturais à vida, à liberdade e à posse de bens materiais inerentes a todos os indivíduos.

## CONCLUSÃO

Apesar da sua inegável relevância, precisamos saber que o Iluminismo não é a totalidade do pensamento ocidental no século XVIII.

Os philosophes, como vimos, não devem ser comparados aos filósofos clássicos, pois se concentraram antes em dominar o sistema de comunicação (cartas, boletins manuscritos, Enciclopédia, panfletos) do que desenvolver um sistema filosófico.

Ainda assim, é inegável que o Iluminismo teve desdobramentos significativos tanto no século XVIII quanto após ele. A independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789) são exemplos do influxo do movimento. Tanto na América do Norte quanto na França, os pressupostos teóricos iluministas foram ferramentas fundamentais para a libertação da metrópole, no caso dos americanos, e dos governos absolutistas, no caso francês. Além disto, a influência e os desdobramentos do Iluminismo na concepção do liberalismo econômico foram fundamentais para a gestação de novas práticas sociais em sintonia com o capitalismo, contribuíram para o surgimento da Revolução Industrial na Inglaterra e para sua posterior difusão mundo afora.

Porém, precisamos ter cuidado. Caminhar pelo passado é sempre tarefa tortuosa, nos exige atenção contínua para as singularidades e limitações de cada época.


Por isto, ao falarmos da força das ideias dos philosophes, não pretendemos estabelecer aqui uma ligação direta entre eles e tudo o que ocorreu na Revolução Francesa e posteriormente a ela. Não é justo. Como nos lembra Darnton, “não é possível concluir que os fatos são explicados exclusivamente mediante o discurso filosófico ou que as pessoas comuns dependem dos filósofos para dar sentido à vida”. Assim sendo, em lugar de enxergar as relações entre os escritos dos iluministas e os acontecimentos do seu tempo, devemos considerar que “a elaboração do significado tem lugar tanto nas ruas quanto nos livros. A formação da opinião pública ocorre tanto nos mercados e tabernas quanto nas sociétés de pensée” (DARNTON, 1998, p.196).

Movimento iniciado por figuras importantes, aplaudido por influentes reis e rainhas, o Iluminismo foi responsabilizado por muita coisa e a explicação para tantas outras. Alguns dos seus críticos afirmavam que a pretensão do Iluminismo à universalidade serviu na verdade como uma

máscara para a hegemonia ocidental. Contudo é preciso observar que a tragédia em que se converteu a conquista de territórios coloniais, resultante da Grande Navegações e das políticas mercantilistas, como lembra Darnton, não foi trazida pela filosofia, mas pelo comércio, tecnologia e pela doença (Cf. DARNTON, 2005).


Se por um lado o Iluminismo tinha uma excessiva fé na razão, os seus fomentadores mais conhecidos jamais ergueram um sistema (DARNTON, 2005, p.31 -32). Para alguns intérpretes mais apressados, seria possível ver no Iluminismo as próprias origens do totalitarismo – uma cadeia sinistra, que se estende do Terror da Revolução Francesa às experiências do fascismo e do comunismo no século XX. Porém, é importante observar as diferenças cruciais. Os crimes cometidos pelo fascismo e pelo comunismo violaram princípios básicos do Iluminismo: o respeito pelo indivíduo, pela liberdade, por todos os direitos do homem. Portanto, os horrores vividos pela humanidade nos sombrios noventa não podem e não devem ser vistos como uma continuidade, em forma de pesadelo, de sonhos do século XVIII. Os iluministas tiveram ousadia em criticar o absolutismo e as diferenças consideradas naturais entre os homens, defenderam a liberdade como princípio da vida social. Diferente dos seus dias, os nossos tristes tempos têm mostrado a difícil luta da humanidade para manter tais conquistas, duramente atacadas por ditaduras e fundamentalismos que jamais entenderam, ou se negaram a entender, as ideias dos homens das letras nascidos no fértil Século das Luzes.

### RESUMO



O Iluminismo foi um movimento que surgiu a partir de um grupo de intelectuais franceses. No entanto, estes homens, também conhecidos como philosophes, apresentavam uma peculiaridade. Eles se envolviam com uma causa, pretendiam iluminar de cima para baixo. As ideias do grupo foram cooptadas por alguns monarcas, os déspotas esclarecidos, embora os letrados de maior destaque criticassem o absolutismo, mercantilismo e os privilégios na nobreza.

### ATIVIDADES

- 
1. Consulte uma enciclopédia e descubra quais as ideias iluministas que mais influenciaram os norte-americanos a exigirem sua independência da Inglaterra.
  2. Assista ao filme *Maria Antonieta* e escreva um comentário crítico sobre a influência dos intelectuais sobre o reinado de Luís XIV. Utilize trechos do filme para reforçar seus argumentos.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As ideias iluministas nem sempre eram apropriadas em sua totalidade. Os monarcas, por exemplo, não viam com bons olhos as críticas ao absolutismo, e nem por isso partes dos argumentos dos iluministas foi deixada de lado. De modo semelhante, nem todos os iluministas serviam aos interesses dos norte-americanos.

## AUTOAVALIAÇÃO

Essa atividade permite que o aluno perceba as diversas apropriações das ideias iluministas. E, por outro lado, apresenta os letrados que se aproximavam do rei em ação, aconselhando, orientando e criticando os rumos da política francesa.



## FILMOGRAFIA RECOMENDADA

COPPOLA, Sofia. **Maria Antonieta**. Estados Unidos, 2006, 123 min. Sinopse: A princesa austríaca Maria Antonieta é enviada à França para se casar com o futuro Luís XVI. Recebida com desdém pela corte francesa, recria seu próprio mundo em meio a amizades e affairs. Seu descaso pela política francesa gera grande insatisfação popular, que culpa a rainha de ter levado a França à bancarrota. Observações: O filme apresenta a relevância dos conselheiros (intelectuais) junto ao rei Luís XVI. De forma caricatural, o filme mostra que o monarca não precisava entender sobre conflitos militares, pois havia assessores especializados para indicar as decisões a serem tomadas. Até mesmo a rainha dispunha de um funcionário que lhe preparava relatórios sobre política e economia. Maria Antonieta também recebia orientações e advertências sobre seu círculo de amizades e o grau de intimidade que deveria manter com o rei.



Capa do DVD do filme *Maria Antonieta*.  
(Fonte: <http://www.impawards.com>).

### REFERÊNCIAS

HARMAN, P.M. *A Revolução Científica*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

DARNTON, Robert. O processo do Iluminismo: os dentes falsos de George Washington. In: *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Severin. In: *O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* 5 ed. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2006.